

# A NEUTRALIZAÇÃO DAS ÁTONAS

Leda Bisol\*

## Introdução

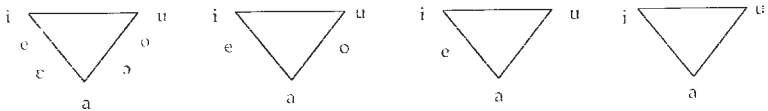
A interpretação da elevação da vogal média como neutralização deve-se a Câmara Jr. (1977) que, chamando atenção para a variedade de timbre das átonas, em seu dizer de complexidade apenas aparente, explica-a, seguindo o conceito da Escola de Praga nos termos seguintes.

Estabelecidos os fonemas na pauta tônica por sua função distintiva em número de sete /i u e o ɔ ε a/, o sistema fica reduzido nas demais pautas por neutralização, ou seja, por perda do traço que distingue entre si dois fonemas. Disso emanam subsistemas de cinco, quatro e três vogais, respectivamente, pretônica, postônica não-final e final. Na pretônica, perde-se a distinção entre e/ E e o/O, resultando cinco vogais átonas: /i u e o a/, *belo* > *beleza*, *sol* > *solar*; na átona não-final, o/u perdem o traço que os distingue (*fósfuro*, *abóbura*), ficando quatro vogais /i u e a/; e, em posição final de palavra, reduz-se o sistema a três: /a i u/, *verdi*, *bolu*, *casa*. A passagem de um subsistema para outro é identificada pela elevação gradual da vogal média (ε, ɔ > e, o > i, u) que ocorre de acordo com o grau de enfraquecimento da sílaba: as pretônicas são relativamente menos fortes do que as tônicas e as átonas postônicas são as mais fracas. Fica, pois, o

\* Pontifícia Universidade Católica – Rio Grande do Sul.

sistema das primeiras com cinco vogais, enquanto as finais se reduzem a um sistema de três vogais. Como os valores forte/fraco emergem da atribuição do acento primário, o processo tem por domínio a palavra prosódica. É o que está representado na figura 1:

(1) A neutralização, segundo Câmara Jr.



Adepto da teoria autosegmental, Wetzels (1992) reinterpreta Mattoso Câmara, explicando a neutralização da seguinte forma: definidas as vogais em termos da geometria de Clements, com altura vinculada a traços de abertura, *aberto1*, *aberto2* e *aberto3*, o traço neutralizado é desligado e substituído pelo valor oposto. Dessa forma, paulatinamente, neutraliza-se o sistema de sete para cinco, quatro e três vogais, aplicando-se cada neutralização, uma por vez, de acordo com seu domínio restrito: palavra fonológica, pé métrico e fronteira vocabular, respectivamente, pretônica, postônica não-final e postônica final. As regras estão representadas em (2).

(2) A neutralização, segundo Leo Wetzels

Neutralização de Vogal Átona

[– acento1]

X

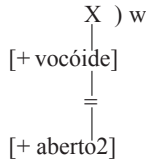
Domínio: palavra fonológica

[+ vocóide]

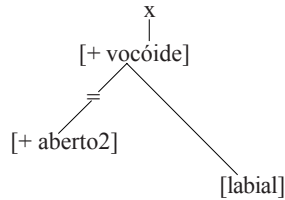
≡

[+ aberto3]

Neutralização de vogal em final de palavra



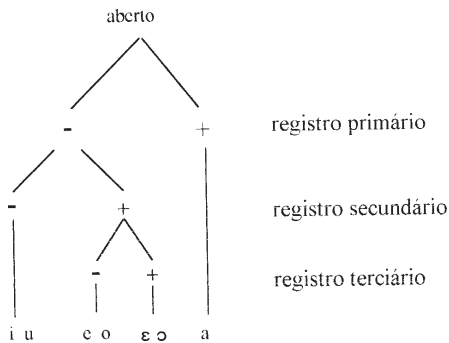
Neutralização da vogal postônica



Domínio: pé

Feita essa introdução, chegamos ao ponto que queremos pôr em relevo. Se tomarmos para reflexão os registros de altura vocálica do modelo de Clements (1991), exposto em (3) para as línguas românicas, vemos que o português se classifica como uma língua de registro terciário, *sete vogais*, que se reduz a registro secundário, *cinco vogais*, no subsistema da pretônica e a registro primário, *três vogais*, no subsistema da átona final.

(3) Línguas românicas



Trata-se, pois de um sistema de sete vogais, cujos traços relativos à altura estão, em (4), especificados por meio de abertura, em que a distinção entre as médias somente se manifesta na pauta tônica.

(4)	abertura	i/u	E/o	ε/ɔ	a
	aberto1	–	–	–	+
	aberto2	–	+	+	+
	aberto3	–	–	+	+

(Wetzels, 1992, p. 22)

## Primeira neutralização

A primeira distinção a ser abandonada, na passagem da tônica para átona, é a das vogais médias *e/ε, o/ɔ*, configurando-se a mudança de registro terciário para secundário, sem fazer pulos, mudança que vai em direção à generalidade, pois são comuns línguas com cinco vogais, entre as quais o latim clássico e o espanhol. Regras de neutralização são processos naturais e seu resultado é sempre um sistema mais simples, já contido na própria língua e que se encontra em muitas outras línguas do mundo. O resultado é um sistema átono de cinco vogais, uma classe natural: /a e i o u/, o segundo triângulo representado em (1). Exemplos da neutralização estão em (5a) e do sistema resultante em (5b).

(5)	a. belo > beleza	b. rimar <i>versus</i> rumar	/i/	/u/
	mole > moleza	prever <i>versus</i> prover	/e/	/o/
	tela > tecelão	soldado <i>versus</i> soldado	/a/	

No entanto, a proposta das duas outras neutralizações precisa ser revista, sobretudo se levarmos em conta resultados de análises relativamente recentes.

Começamos pela átona final, considerando resultados estatísticos relativos à elevação da vogal /e/, com base em dados do projeto Varsul.

## Neutralização da átona final

### Elevação da átona final – vogal e

TABELA 1 - VARIÁVEL GEOGRÁFICA – RESULTADOS POR CIDADE

	Fator	Aplic./Total	%	Peso Relat.
Rio Grande do Sul	Porto Alegre	48/59	81	0,99
	Panamby	10/43	23	0,29
	São Borja	33/82	40	0,44
	Flores da Cunha	21/115	18	0,22
Santa Catarina	Florianópolis	35/61	57	0,66
	Blumenau	48/77	62	0,72
	Chapecó	27/107	25	0,25
	Lages	11/44	23	0,29
Paraná	Curitiba	37/100	37	0,45
	Pato Branco	40/57	70	0,81
	Irati	16/76	21	0,25
	Londrina	25/56	45	0,48

FONTE: Vieira, 2002, p. 153

Input: 0,34

Significância: 0,000

Os resultados expostos, extraídos de Vieira (2002), relativos à neutralização de vogal /e/, indicam, através de seus índices, o uso variável da vogal alta.

Trata-se da terceira neutralização, a da átona final que, na mudança de um sistema secundário para um sistema primário, apresenta alofonia nos dados do Varsul: há variedades de fala que a praticam opcionalmente, até mesmo escassamente. Curitiba, entre as capitais, é um exemplo; há outras que a praticam categoricamente, como Porto Alegre, que se opõe às demais regiões do Estado, que dela fazem uso variável. Essa regra tem as características da neutralização: implica mudança de registro, vai em direção à generalidade e cria um sistema vocálico natural que existe dentro da própria língua e em outras, /i u a/, como existe no árabe clássico, citado por Clements. Mas o que as análises vêm revelando é que o processo nesta posição apresenta flutuações, em muitas

variedades do português brasileiro, indicando que não chegou a sua completude: *verde ~ verdi; solo ~ solu*. Todavia, tendo em vista que é regra geral para muitas, Câmara assim a entendeu no dialeto carioca, assim a vemos em Porto Alegre, essas flutuações sinalizam um processo de mudança em direção ao subsistema mais simples, o de três vogais.

Com base nesses dados, é possível afirmar que no português brasileiro, como um todo, a neutralização da átona final é um processo em andamento no que diz respeito à opção pela vogal alta, uma vez que a variação permanece em certas comunidades. Note-se, todavia, que a neutralização, entendida como perda do traço distintivo entre vogais médias e altas, é uma regra geral nesta posição, e que a preferência para a realização da alta tende a generalizar-se. O contraste fonológico fica restringido a três vogais, independentemente do alofone que se realiza. Exemplos que mostre, como na pretônica, a relação entre as vogais neutralizadas e as preservadas do tipo *belo > beleza* dificilmente podem ser encontrados, pois o português possui uma regra que apaga a vogal temática no processo derivativo. O fato é que o sistema possui nesta pauta três vogais distintas:

(6)	sedi (sede)	kali (cale)	vali (vale)	/i/	/u/
	sedu (cedo)	kalu (calo)	valu (valo)		
	seda (seda)	kala (cala)	vala (vala)	/a/	

## Neutralização da postônica não-final

O problema reside na neutralização da postônica não-final, que na versão mattosiana reduz o sistema da série posterior, criando um conjunto assimétrico, não-natural /a u e i/, que na fonologia do português dificilmente se justificaria como contexto de regra e que não corresponde a nenhuma mudança de registro identificável na figura (3).

Essa assimetria pode ser explicada em termos fisiológicos. Basta lembrar o diagrama das vogais cardinais de Daniel Jones, que atribui menor espaço bucal às posteriores. As vogais /o,u/ estão mais próximas uma da outra do que as vogais /e,i/. Segundo Martinet (1964, p. 139), dado um sistema com o mesmo

número de fonemas na série posterior e anterior, as margens de segurança são mais estreitas na série posterior do que na série anterior, o que pode explicar em parte a diferença de comportamento entre as duas séries.

Embora haja explicação para essa assimetria, esse fato, com respeito ao português brasileiro, merece atenção. Como vemos na tabela 3, a elevação de /e/ na postônica não-final também se manifesta, como a elevação da vogal /o/ na tabela 2, o que pode ser tomado como indicio de que se trata da mesma regra que atinge a átona final, cujo contexto estaria se ampliando, como se o sistema estivesse em busca da regularização.

TABELA 2 - ELEVAÇÃO DA POSTÔNICA NÃO-FINAL /O/

	Fator	Aplic./Total	%	Peso Relat.
Vogal /o/	Labial (cômodo)	371/456	81	0,56
	Coronal (catástrofe)	23/46	50	0,27
	s/z (êxodo)	1/6	17	0,09
	Dorsal (horóscopo)	9/27	33	0,13
TOTAL		404/535	76	

FONTE: Vieira, 2002, p. 134

Input: 0,79

Significância: 0,000

TABELA 3 - ELEVAÇÃO DA POSTÔNICA NÃO-FINAL VOGAL /E/

	Fator	Aplic./Total	%	Peso Relat.
Vogal /e/	Labial (número)	69/173	40	0,53
	Coronal (útero)	8/69	12	0,30
	s/z (cócega)	14/23	61	0,84
TOTAL		91/265	34	

FONTE: Vieira, 2002, p. 140

Input: 0,32

Significância: 0,006

A análise estatística, na linha de Labov, realizada por Vieira, revela que ambas as vogais /e, o/ são substituídas por vogal alta, embora os contextos que favorecem uma e outra sejam diferenciados. A vogal /o/, postônica não final, eleva-se relativamente mais quando o *onset* da sílaba é uma labial, enquanto a vogal /e/, por sua vez, eleva-se relativamente mais quando o *onset* da sílaba é a contínua coronal s/z. Uma e outra tem seu contexto favorecedor.

Embora haja palavras mais resistentes, *vértebra* e *cátedra* são exemplos, figuram ao lado de *fósfuro* ~ *fósforo* e *abóbura* ~ *abóbora*, casos como *alfândiga* ~ *alfândega*, *epêntise* ~ *epêntese*, *córrigo* ~ *córrego*, *prótise* ~ *prótese* e outros. Note-se, todavia, que muitas proparoxítonas são termos técnicos que tendem a preservar a integridade de seus segmentos, talvez em função do uso restrito a uma comunidade homogênea, figurando como um entrave à generalização.

Talvez a observação mais importante esteja no fato de que /o/ venha se mostrando mais sensível ao processo que /e/ por motivação contextual. A vogal /o/ na cercania de uma labial /f,v,p,b,m/, como em *abóbora* e *fósforo*, muda para /u/ com frequência, como se a comunhão de um traço, a labialidade, fosse um fator que estivesse favorecendo a regra que, por ser variável, pode ocorrer também em contextos não esperados, como em *pérola*. Uma consoante velar, tida como alta, porque pronunciada com o dorso da língua levantado, poderia favorecer a regra como o faz em *prólogo*, mas tende a deixar de fazê-lo em *fonólogo*, em variedades do Sul. Tem, pois, todas as características de uma regra variável de alçamento.

A suposta regra de neutralização da pretônica não final, envolvendo apenas a vogal posterior, pode ser mero efeito de frequência, pois palavras como *fósforo* e *abóbora* são de uso constante na fala popular. O que os resultados da análise estatística apontam é que na pauta da postônica não final, a elevação de ambas as vogais vem ocorrendo, semelhantemente ao que ocorre na átona final, embora ainda não se tenha manifestado como regra geral em nenhuma variedade do português brasileiro, diferentemente do que ocorre com a pauta final. Note-se que o contraste fonológico entre médias e altas foi perdido na postônica não-final, da mesma forma que na átona final, mas a opção pela vogal alta é que vem encontrando resistência.

Os argumentos apresentados são de base fatural, pois fundamentam-se em dados analisados estatisticamente. Vejamos agora os argumentos fonológicos.

Em primeiro lugar, observemos que, assim como na pretônica, não faltam, na postônica não-final, exemplos que apontam para a relação entre as vogais neutralizadas e as preservadas, seja /o/, seja /e/ :

(7)	perolar	<	pérula	~	pérola
	fosforear	<	fósfuro	~	fósforo
	alfandegário	<	alfândiga	~	alfândega



Em segundo lugar, a postônica final e não final apresentam traços idênticos no que diz respeito a características que identificam neutralizações.

Segundo McCarthy (1999), a neutralização deve ser identificada por três fatores:

1. a posição em que o contraste é mantido e a posição complementar em que o contraste é neutralizado;
2. a natureza do contraste;
3. o resultado final.

Lididamente identificam-se como características próprias os seguintes fatores da neutralização da pretônica:

1. o contraste é mantido na tônica e anulado em toda a pauta átona;
2. o traço anulado é o que distingue as vogais médias. Em termos de Câmara, é a distinção entre média aberta e média fechada, em termos de Wetzels, é [aberto3];
3. o resultado é um sistema de cinco vogais. Converte-se, pois, um sistema de sete vogais em um sistema de cinco vogais.

Observemos, agora, a coincidência de fatores para as duas pautas restantes:

- (8) Átona final
  1. O contraste é mantido na tônica e pretônica, sete e cinco vogais respectivamente, e anulado na átona final.
  2. O traço anulado é o que distingue as vogais médias e altas, em termos de Câmara; em termos de Wetzels, é [+aberto2].
  3. O resultado é um sistema de três vogais. Converte-se, pois, um sistema de cinco vogais em um sistema de três vogais.
- (9) Postônica não-final (com base nos dados estatísticos supramencionados)
  1. O contraste é mantido na tônica e na pretônica, sete e cinco respectivamente, e anulado na postônica.
  2. O traço anulado é o que distingue as vogais médias e altas, em termos de Câmara; em termos de Wetzels, é [aberto2].
  3. O resultado é um sistema de cinco vogais, variando com um sistema de três vogais.

Como vemos, os fatores são os mesmos em uma e outra posição da postônica (8) e (9). A diferença reside no item 3, pois a neutralização da átona final com o privilégio da vogal alta em sua manifestação externa é regra geral para muitos dialetos ou variedades do português. Rio de Janeiro e Porto Alegre foram citados. Mas a neutralização da postônica não-final, como manifestação externa da vogal alta, é uma regra variável em qualquer comunidade de fala.

Com as evidências apresentadas, podemos dizer que a neutralização em favor das vogais altas compreende somente duas regras: a que reduz o sistema a cinco vogais e a que reduz o sistema a três vogais. Essa, no que diz respeito à opção pela vogal alta, tende a estender-se para a postônica não-final, em busca da regularização do sistema, criando as flutuações referidas.

Em suma, o português brasileiro conta com duas regras de neutralização, e não três, como se vinha postulando. Trata-se de um sistema vocálico de sete vogais que se manifesta plenamente em posição tônica e dois subsistemas átonos de cinco e três vogais. O sistema de cinco vogais tem sua plenitude na pretônica e o sistema de três vogais na átona final. Na postônica não-final flutuam os dois sistemas átonos, o de cinco e o de três vogais.

## RESUMO

O sistema fonológico do português brasileiro possui duas regras de neutralização em favor da vogal alta, e não três, como se vinha postulando. O subsistema assimétrico de quatro vogais da postônica não-final é apenas um efeito de frequência, pois ambas as vogais médias /e,o/ mostram-se sensíveis ao alçamento. Parece que se trata de expansão do sistema mínimo de três vogais que, em busca da regularização das átonas postônicas, cria variação entre dois subsistemas, o de cinco e o de três vogais.

*Palavras-chaves: neutralização da pretônica, neutralização da átona final, variação e mudança.*

## ABSTRACT

The phonological system of Brazilian Portuguese has two rules of neutralization in favor of high vowels, and not three, as it has been postulated. The subsystem of four post-tonic vowels in non-final position is only an effect of frequency, for both middle vowels /e,o/ are shown to be sensitive to raising. It seems to be a case of expansion of the

minimum system of three vowels which, in search of regularization of post-tonic vowels, causes variation between two subsystems, the one with five and the one with three.

*Key-words: pre-stressed vowel neutralization, word-final vowel neutralization, variation and change.*

## REFERÊNCIAS

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CLEMENTS, G. N. Vowel height assimilation in Bantu languages. In: HUB-BARD, K. (Ed.). *BLS 17S: Proceedings of the Special Session on African Languages Structures: 25-64* Berkeley Linguistic Society. Berkeley: University of California, 1991.

JONES, D. *An outline of English phonetics*. 8. ed. Cambridge: Heffer & Sons, 1957.

McCARTHY, J. *Introductory OT*. 1999. 1 CD-ROM (version 1.0).

MARTINET, A. *Economía de los cambios fonéticos*. Tratado de fonología diacrónica. Madrid: Gredos, 1964.

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas. Uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 127-159.